

## Introdução geral às *Cartas de Paulo*

As cartas que Paulo endereça às comunidades e indivíduos constituem um dos mais importantes conjuntos de textos do Novo Testamento. Desde a antiguidade, foram objeto de estudo e reflexão, sendo considerados, por alguns, como basilares para o entendimento e a prática do Cristianismo. Basta que nos lembremos que Marcião de Sinope (85 d.C. a 160 d.C.), o primeiro a propor um conjunto de textos canônicos, incluía na sua relação, exclusivamente, dez das cartas de Paulo e uma versão resumida do *Evangelho de Lucas*. Sem adentrarmos nas ideias que Marcião defendia, muitas delas bastante controversas, e que o levariam a constituir um isolado número de seguidores, a sua iniciativa refletia dois importantes aspectos do Cristianismo nascente. O primeiro, a necessidade cada vez maior, em função da diversidade de textos que começavam a surgir, de se indicar quais seriam mais fiéis à proposta do Evangelho e portanto deveria ser objeto de estudo e reflexão dos cristãos e, o segundo, a importância das cartas de Paulo.

A natureza das cartas de Paulo precisa ser compreendida nas suas características próprias, a fim de que a sua contribuição para o Cristianismo de ontem e de hoje possa ser compreendida e resgatada. Em primeiro lugar, é preciso reconhecer que, embora contenham elementos importantes da doutrina cristã, expostos com todo o vigor da inteligência e bagagem que a condição de doutor da lei conferiam a Paulo, esses escritos são, sobretudo, cartas. Nesse sentido, a motivação principal está relacionada menos com a construção de tratados teológicos do que com elementos da vivência e da prática cristã, exceção feita, talvez, à epístola aos *Hebreus* e parte da endereçada aos *Romanos*. Os temas que surgem são, frequentemente, relacionados ao dia a dia das comunidades: o uso da liberdade, abordado em *Gálatas*; a organização das comunidades, orientada em *Tito* e *I Timóteo*; as

expectativas em relação ao retorno de Jesus em *I e II Tessalonicenses*; o retorno de um escravo fugitivo ao seu senhor, no quase bilhete a *Filêmon*; as condutas no lar e na família em *II Timóteo* e *Efésios*, são alguns exemplos de temáticas e das motivações desses textos. Como não poderia deixar de ser, encontraremos, também, nessas cartas, registros da vida de Paulo e de seus companheiros de trabalho; de pessoas com quem ele convivia; do confronto com os adversários; de suas viagens e desafios pelas várias localidades por onde passou, compreendendo, assim, um importante registro biográfico do convertido de Damasco e do Cristianismo enquanto movimento nascente.

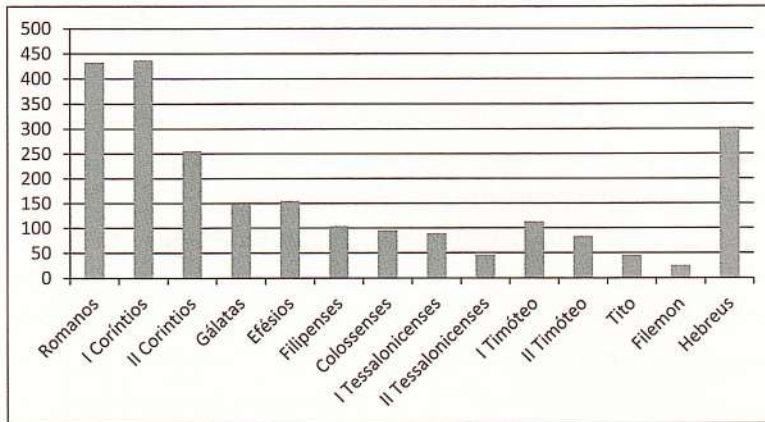
As características e conteúdos das cartas de Paulo deixam entrever que o Cristianismo, nos seus primórdios, era constituído por pessoas que buscavam seguir Jesus, mas que, como é natural, traziam suas dúvidas, suas ideias próprias, nem sempre concordantes com a proposta do Mestre, interesses louváveis ou não e entendimento mais ou menos limitado da Boa-Nova. Lidar com toda essa diversidade, a partir das bases cristãs, e prover orientações que levassem o Evangelho ao coração, à mente e às ações das pessoas nas diversas posições, dentro e fora da comunidade, era, e ainda é, o objetivo desses textos. Além disso, o fato de Paulo escrever tanto para comunidades quanto para indivíduos, reflete a realidade de que a proposta, trazida e vivida por Jesus, só pode ser efetivamente internalizada, na conjugação dessas duas dimensões, social e individual.

Muito embora tenha como pano de fundo a cultura e os aspectos sociais do Império Romano do primeiro século, o conteúdo dessas cartas possui aplicabilidade em contextos muito mais amplos e atemporais. Isso porque os maiores desafios da compreensão e da prática da Boa-Nova são encontrados no campo dos nossos sentimentos, ideias e relações. Por isso, esses textos permanecem como fundamentais para todos aqueles que pretendem reviver a mensagem do Cristo em si mesmos e nos ambientes em que se encontram, no ontem, no hoje e no amanhã.

A ordem em que as cartas aparecem no Novo Testamento não reflete sua cronologia, mas, principalmente, o tamanho de cada texto, divididos em três grupos: as cartas endereças às

comunidades, as endereçadas a indivíduos e a carta aos *Hebreus*. Para demonstrar isso, o gráfico a seguir apresenta a quantidade de versículos de cada uma das cartas de Paulo, na ordem em que aparecem no Novo Testamento.

GRÁFICO 1 – Quantidade de versículos das Cartas de Paulo.



É importante destacar, também, que Paulo é o autor que possui a maior parte de escritos incluídos no Novo Testamento, tanto em número (14 dos 27 textos são a ele atribuídos), quanto em quantidade de versículos. Dos 7.947 versículos do Novo Testamento, 2.335 são atribuídos a Paulo, compreendendo 29,4% do Novo Testamento. O segundo autor é Lucas, com 27,1% e o terceiro é João com 17,7% (considerando o evangelho de João, suas cartas e o Apocalipse).

Como cada carta possui elementos próprios, incluímos, antes dos comentários de Emmanuel, pequenas introduções, com os seguintes objetivos: a) familiarizar o leitor com alguns aspectos do texto e dos debates existentes sobre ele; b) apresentar, resumidamente, alguns pontos que a perspectiva espírita e o material disponibilizado por Emmanuel agregam ao entendimento e ao debate sobre os textos; c) despertar no leitor o interesse de ler, reler e estudar essas cartas. Este último, o mais importante. Muito mais poderia ser escrito, contudo, isso fugiria ao propósito do presente trabalho.

Paulo de Tarso e seus colaboradores encarnados e desencarnados foram responsáveis pelo mais extenso trabalho de divulgação da mensagem de Jesus no primeiro século. O testemunho dessas almas abnegadas, que abriram mão de todos os interesses pessoais em prol de levar a Boa-Nova aos corações e mentes dos seus contemporâneos, deu origem ao primeiro movimento de disseminação do Evangelho. Por isso, qualquer que seja a corrente religiosa que tenha a pretensão de fazer reviver a mensagem de Jesus, em qualquer época da Humanidade, terá, nessas cartas, um testemunho e um contributo precioso para orientar as suas atividades, com bases em uma comunhão de pensamentos com o próprio Cristo.<sup>2</sup>

A nossa gratidão a esses Espíritos que, através do suor e trabalho, do sacrifício e da exemplificação, nos possibilitaram compreender o sentido da frase: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim.”<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Ver introdução à carta / *Tessalonicenses*.

<sup>3</sup> *Gálatas*, 2:20.

Fac-símile do comentário mais antigo a fazer parte da coleção, referente a *João 10:30*, publicado em novembro de 1940 na revista *Reformador*.<sup>4</sup>

ANO LVII

# Reformador

FUNDADO EM 1883

Carlos Imbassahy      Guillon Ribeiro      A. Wantuil de Freitas  
SECRETÁRIO      DIRETOR      GEDENTE

---

## Comungar com Deus

A fidelidade a Deus e a comunhão com o seu amor são virtudes que se completam, mas que se singularizam, no quadro de suas legítimas expressões.

Job foi fiel a Deus quando afirmou, no torvelinho do sofrimento: — "Ainda que me mate, n'Ele confiarei."

Jesus comungou de modo perfeito com o amor divino, quando acentuou: — "Eu e meu Pai somos um."

A fidelidade precede a comunhão verdadeira com a fonte de toda a sabedoria e misericórdia.

As lutas do mundo representam a sagrada oportunidade oferecida ao homem para ser perfeitamente fiel ao Criador.

Aos que se mostram leais no "pouco", é concedido o "muito" das grandes tarefas. O Pai reparte os talentos preciosos de sua dedicação com todas as criaturas.

Fidelidade, pois, é compreensão do dever.

Comunhão com Deus é aquisição de direitos sagrados.

Não ha direitos sem deveres. Não ha comunhão sem fidelidade.

Eis a razão pela qual, para que o homem se integre no recebimento da herança divina, não pode dispensar as certidões de trabalho proprio.

Antes de tudo, é imprescindível que o discípulo saiba organizar os seus esforços, operando no caminho do aperfeiçoamento individual, para a aquisição dos bens eternos.

Existiram muitos homens de vida interior iluminada, que podem ter sido mais ou menos fieis, porém, só Jesus pôde apresentar ao mundo o estado de perfeita comunhão com o Pai que está nos céus.

O Mestre veio trazer-nos a imensa oportunidade de compreender e edificar. E, se confiamos em Jesus, é porque, apesar de todas as nossas quedas, nas existências sucessivas, o Cristo espera dos homens e confia em seu porvir.

Sua exemplificação foi, em todas as circunstâncias, a do Filho de Deus, na posse de todos os direitos divinos. E' justo reconhecermos que essa conquista foi a sagrada resultante de sua fidelidade real.

E o Cristo se nos apresentou no mundo, em toda a respndencia de sua gloria espiritual, para que aprendessemos com Ele a comungar com o Pai. Sua palavra é a do convite ao banquete de luz eterna e de amor imortal.

Eis porque, em nosso proprio beneficio, conviria fossemos perfeitamente fieis a Deus, desde hoje.

EMMANUEL.

(Mensagem recebida em Pedro Leopoldo, pelo medium Francisco Candido Xavier, em outubro de 1940, e enviada exclusivamente para "Reformador".)

---

## JESUS

*Quanta vez, neste mundo, em rumo escuro e incerto,  
O homem vive a tatear na treva e as que se cria!  
Em torno, tudo é vazio, sobre a estrada sombria,  
No pavor de esperar a angustia que vem perto!...*

*Entre as vascas da morte, o peito exangue e aberto,  
Desgraçado viajor rebelado ao seu guia,  
Desespera, sozinha, ansiosa e balbucia  
A suprema oração, na dor de seu deserto.*

*Nessa grande amargura, a alma pobre entre es-  
[cambros,  
Sente o mestre do amor que lhe mostra nos ombros  
A grandeza da cruz que ilumina e socorre.*

*Do mundo é a escuridão que sepulta a quimera...  
No negro turbilhão só Jesus persevera,  
Como a luz imortal do amor que nunca morre.*

ALBERTO DE OLIVEIRA.

(Recebido em Pedro Leopoldo, pelo medium Francisco Candido Xavier, em outubro de 1940, e enviado exclusivamente para "Reformador").

5

<sup>4</sup> N.E.: Essa mensagem foi publicada no 4º volume da coleção *O Evangelho por Emmanuel*, mas, dado seu conteúdo e significação, optamos por incluí-la também no início de cada volume.